

4/5/60

4°

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### GENTE ESTRANGEIRA

**ENCERRADO** o caso Chessman.

O condenado foi executado; a lei foi cumprida; o regulamento foi obedecido. Acho que é de mau-gosto agora insistir nesse assunto — nesse assunto de mau-gosto.

Até as últimas refeições do condenado foram de um cuidadoso mau-gosto: *hamburger*, coca-cola, chocolate, presunto com ovos, como no mais banal dos *drug stores*. Foi de mau-gosto o funcionário Evandson, que copiou errado o número do telefone da prisão para onde ligou a secretária do Juiz Goodman, que, se não fôsse isso, teria o mau-gosto de adiar por meia hora a execução, segundo ele mesmo teve o mau-gosto de contar depois.

Também não foi de muito bom-gosto o dito do Promotor Leavy, que perguntou, ao ser informado da execução de Chessman: "Que esperavam de nós, que lhe déssemos um prêmio?". Parece-me, ainda, de um gosto muito duvidoso a insistência da Côte Suprema da Califórnia em reafirmar várias vezes a sentença de morte pelo "score" de 4 a 3, que não é convincente ao decidir uma partida de futebol, que dirá a vida de um homem.

Em vista de tanto mau-gosto (não quero falar do espetáculo de Chessman, urrando, arfando, suando, torcendo-se) espero que o leitor me perdoe o mau-gosto desta crônica. Mas eu precisava dizer o quanto essas coisas nos separam dos Estados Unidos; como esse sistema de vida que conhecemos tão bem pelo cinema, e pela literatura nos parece de súbito tão estranho que o detestamos, sem poder compreendê-lo. E me lembrei de uma frase ingênua, ouvida, em minha infância, a uma pessoa muito simples e querida para quem alguém lia a história de um crime cruel e frio praticado por um estrangeiro:

— Estrangeiro é gente ruim...

Nunca os Estados Unidos nos pareceram um país tão estrangeiro.